

JORNAL DA AdUFRJ

1330 • 27 de agosto de 2024 • www.adufrj.org.br • TV ADUFRJ: youtube.com/adufrj

ACERVO PESSOAL



NÃO PASSARÃO
Vítima de mais uma tentativa de silenciamento, o professor Michel Gherman analisa os ataques da extrema direita: “Não vou desistir”

Página 3



QUEM SOMOS?

Traçar o perfil dos professores, estudantes, técnicos e terceirizados que formam o enorme e diverso mosaico da comunidade universitária. Esse é o objetivo da primeira enquete sobre diversidade realizada na UFRJ. Idealizada pelo Instituto de Biofísica, encampada pela reitoria e com o apoio da AdUFRJ, o mapeamento pode sinalizar lacunas graves de acolhimento e de inclusão sofridos no cotidiano dos campi. “Uma das questões que afeta a evasão é o não acolhimento. A indiferença para as diferenças que se apresentam na sala de aula”, aponta o professor Alfred Sholl, um dos idealizadores do trabalho. O questionário on-line está disponível em <https://formularios.tic.ufrj.br/index.php/294728>. Participe!

Páginas 4 e 5

Festa de BOAS-VINDAS!!!

AdUFRJ CONVIDA para comemoração do **RECOMEÇO DAS AULAS** e **RECEPÇÃO DE NOVOS ASSOCIADOS**. Durante o **EVENTO** será lançada a **CAMPANHA PELA QUALIDADE DE VIDA DOS PROFESSORES** e apresentação do **CONVÊNIO** com o **GYMPASS**. **PARTICIPE!!**



Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, Avenida Rui Barbosa, 762

ADUFRJ CELEBRA NOVO CONVÊNIO COM O GYMPASS PARA SINDICALIZADOS

A AdUFRJ está com uma super novidade! Agora, o professor sindicalizado tem acesso ao Gympass/Wellhub, uma plataforma que une pessoas a uma rede de atividades físicas e bem-estar. Com a assinatura da plataforma, é possível ter acesso a academias, psicólogos, nutricionistas. Além disso, o docente poderá contar com programas de treino e aulas coletivas na localidade que definir. Quer fazer pilates, yoga,

natação, dança, musculação ou tudo junto? Agora você pode e com muito mais comodidade!

Os docentes filiados à AdUFRJ pagarão mensalidades a partir de R\$ 29,90, conforme o plano e os serviços escolhidos. Há também a opção sem custo, para acesso apenas a plataformas digitais. E tem mais: o Gympass está disponível em quase todos os estados brasileiros e em mais 14 países. Perfeito para o professor universitário que precisa

encaixar uma rotina de autocuidado às atividades acadêmicas que demandam regulares viagens nacionais e internacionais.

O filiado que assinar um dos planos oferecidos pelo Gympass/Wellhub não precisará pagar a taxa de adesão. O valor ficará por conta da AdUFRJ. Os professores poderão incluir até três dependentes, de escolha livre, a partir de 16 anos. O pagamento de cada dependente pode ser individualizado.

Para conhecer mais detalhes sobre os planos disponíveis, academias, estúdios e aplicativos de saúde conveniados, acesse: <https://wellhub.com/pt-br>. É necessário ter cartão de crédito. A assinatura e o acompanhamento do plano podem ser feitos via app Wellhub no seu smartphone. A AdUFRJ lançará em breve a primeira chamada para docentes interessados em aderir ao programa.

Para comemorar esta nova

conquista para os docentes e lançar a campanha pela qualidade de vida do professor, a AdUFRJ promoverá uma festa no dia 6 de setembro, a partir das 18h, no Fórum de Ciência e Cultura. Durante o evento, a diretoria da AdUFRJ dará as boas-vindas a mais de 300 novos filiados ao sindicato e a docentes recém-empossados. Será uma excelente oportunidade para encontrar e trocar ideias. Participe e convide mais colegas!

NÃO PASSARÃO!



TRADUÇÃO: Ame o próximo como a ti mesmo

SILVANA SÁ
silvana@adufrj.org.br

Na quarta-feira passada (21), o professor Michel Gherman, um dos maiores especialistas em Estudos Judaicos no Brasil, sofreu mais um ataque da extrema direita. Militantes do Movimento Brasil Livre (MBL), liderados por um candidato a vereador do Partido Novo, invadiram o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) e tentaram expor e atacar o professor com provocações e filmagens não autorizadas. Na ocasião, acontecia um evento internacional organizado pelo docente que discutia os usos políticos do Holocausto, do antissemitismo e do genocídio. O feitiço, no entanto, virou-se contra o feitiçeiro, já que os agressores saíram ridicularizados do prédio e foram hostilizados até do lado de fora do edifício. A diretoria da AdUFRJ emitiu uma nota de desagravo e está prestando apoio jurídico ao professor. Perguntado pela reportagem como se sente diante de mais esse ataque – ele foi vítima de outro na PUC-Rio, em outubro passado –, e se não passa por sua cabeça desistir dos Estudos Judaicos, ele deu este contundente depoimento.

Eu me sinto no lugar certo. Eu me assumo como judeu e incomoda muito a setores do judaísmo a ideia de colonização do judaísmo e de seu uso político. A identidade judaica é muito importante para mim e, mais que isso, é minha formação. Graduação, mestrado, doutorado, tudo passou pelos Estudos Judaicos. Desistir de tudo isso é dar vitória para a extrema direita.

Alguns elementos nos ajudam a compreender esse processo. No Rio de Janeiro, a maioria da comunidade judaica pode até não ser progressista, mas não é de extrema direita. Então, houve um foco grande de ação da extrema direita aqui e a institucionalidade judaica, essa sim, foi tomada pela direita e pela extrema direita. Esse processo divisionista aconteceu em vários outros grupos, como os evangélicos, por exemplo, e até com organizações não religiosas, como os escoteiros.

Outro ponto é que a gente tem, na UFRJ, talvez o maior núcleo judaico do Brasil, já o maior da América Latina atuando em Estudos Judaicos. Portanto, não é por acaso que esses ataques tenham ocorrido no IFCS. E também não é algo pessoal. Hoje, eu sou uma das referências nessa área, é até esperado, portanto, que tentem me atacar.

O grave, nesse episódio, é que o MBL está entrando na UFRJ e está usando a academia para se fortalecer nessas eleições municipais. É um momento em que a extrema direita está dividida, fragilizada, e tenta, com seu anti-intelectualismo, usar a universidade para fortalecer seu discurso. Isso vai acontecer mais vezes. Estamos vendo uma forma de



ACERVO PESSOAL

a extrema direita fazer política nas nossas costas. Quando eu vi, estava sendo filmado por uma pessoa fazendo perguntas absolutamente sem contexto.

A gente não pode ter a nossa atuação acadêmica afetada pela extrema direita tentando fazer campanha eleitoral. Trata-se disso: estão querendo usar o nosso trabalho para fazer a campanha deles. Não se trata de um ato isolado, não é contra um professor, simplesmente. É a instrumentalização do nosso trabalho para a campanha municipal.

Precisamos estar preparados politicamente para esses ataques. Talvez, no IFCS, sejamos mais expostos, mas esse é um tema para a universidade pensar. É preciso que a UFRJ se coloque de maneira institucional para preservar seus professores e a si própria.



Precisamos estar preparados politicamente para esses ataques. Talvez, no IFCS, sejamos mais expostos, mas esse é um tema para a universidade pensar

Nós somos vítimas pelo trabalho que realizamos, o que dá até um certo orgulho. Eu vou me preocupar, aí sim, quando a extrema direita passar a nos apoiar.”

O QUE É O MBL

O Movimento Brasil Livre foi oficialmente fundado em 1º de novembro de 2014, como estrutura organizada de apoio à Operação Lava Jato. Com viés antipepetista, suas atuações voltavam-se contra o governo de Dilma Rousseff e contra pautas progressistas discutidas no Congresso Nacional e no Supremo Tribunal Federal. Em 2016, liderou manifestações a favor do impeachment da presidenta Dilma e passou a atuar mais fortemente junto às bancadas conservadoras do Congresso para apoiar a redução da maioria penal, a reforma trabalhista, o projeto Escola Sem Partido e o arrocho fiscal. Em 2018, o MBL declarou

seu apoio formal ao ex-presidente Jair Bolsonaro. Durante o mandato, o grupo se afastou do bolsonarismo e passou a integrar a oposição ao governo. O movimento tem dois núcleos mais fortes de atuação, em São Paulo e em Florianópolis. Em 2022, elegeu um deputado federal (Kim Kataguiri, do União-SP) e um estadual por São Paulo (Guto Zacarias, também do União-SP). Outros três candidatos a deputado estadual de São Paulo não foram eleitos, mas conseguiram vagas de suplentes. Além das vagas eletivas, diversos outros integrantes do movimento ocupam cargos públicos em estados e municípios, sobretudo do Sul e Sudeste do país.

PESQUISA TRAÇA RETRATO DA DIVERSIDADE NA UFRJ

Quem somos? Como somos? Somos aceitos? Em busca de respostas para estas e outras questões, a UFRJ lançou a primeira Pesquisa da Diversidade. O objetivo é produzir dados que vão guiar o desenvolvimento de ações de combate às desigualdades. A iniciativa, da Comissão de Diversidade do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, em parceria com a Superintendência-Geral de Ações Afirmativas, Diversidade e Acessibilidade (Sgaada), conta com o apoio da AdUFRJ.

RENAN FERNANDES
comunica@adufrj.org.br

Denise Góes, superintendente-geral da Sgaada, definiu a pesquisa como uma radiografia da universidade. “Conhecemos a existência desses grupos minoritários dentro da universidade, mas ao mesmo tempo desconhecemos. Queremos que esses grupos apareçam”, afirmou.

“Quantas pessoas cis, trans ou interesse existem na UFRJ? E onde estão essas pessoas? Precisamos saber se estão no Fundão, na Praia Vermelha, nas unidades do Centro, em Duque de Caxias ou em Macaé. Que políticas de diversidade e acessibilidade são necessárias? Onde devem ser aplicadas? São questões que queremos responder”, disse a a superintendente.

A pesquisa pretende ser ampla. “Uma pessoa com deficiência não é apenas uma pessoa com deficiência. Pode também ser negra ou indígena, homossexual, de gênero não binário, de classe D ou E. Investigar esses atravessamentos é fundamental”, apontou Denise.

A expectativa é que o levantamento ofereça subsídios para a criação de políticas afirmativas tanto da universidade quanto dos poderes públicos. “Não há política pública sem dados. A Sgaada tem a atribuição não apenas de dar visibilidade a grupos marginalizados, mas também de sugerir políticas que deem condições a esses grupos de terem uma experiência melhor e mais produtiva”, disse Pedro Gonzaga, chefe de gabinete da superintendência.

“Se a UFRJ quer ocupar um espaço de vanguarda, ela precisa se abrir para



a diversidade. Como uma instituição vai pensar sobre a sociedade que é diversa, sobre a cidade e o país, se não tem conhecimento dos grupos marginalizados dentro do próprio corpo social?”, completou.

DIVERSIDADE

O Dicionário da Língua Portuguesa do professor Evanildo Bechara define diversidade como “a condição do que ou de quem é diferente, diverso, variado”. A objetividade comum aos dicionários não é capaz, no entanto, de explicar a complexidade do conceito quando aplicado à sociedade.

O professor Alfred Sholl, do Instituto de Biofísica e coordenador da Comissão

de Diversidade, ampliou a definição na cerimônia de lançamento da pesquisa, no Auditório Hertha Meyer do Centro de Ciências da Saúde. “A diversidade pode se manifestar em diversas dimensões. Por exemplo: idade, identidade étnico-racial, gênero, orientação sexual, contexto socioeconômico e cultural, neurodiversidade, diversidade funcional, entre outros”, disse. “Embora seja um fenômeno que se expressa em um grupo, ele se relaciona com o direito de liberdade do indivíduo para exercer sua autodeterminação”.

Sholl apontou o reconhecimento de opressões sofridas por grupos minoritários e a criação de mecanismos para combatê-las como um dever social. “Reconhecer e divulgar que o preconceito e a ameaça de estereótipos estão presentes também na academia é um passo importante para desconstruir o desequilíbrio de oportunidades e promover a equidade para muitos grupos sub-representados”, concluiu.

A PESQUISA

A participação na Pesquisa da Diversidade é voluntária. Alunos, professores, técnicos-administrativos e trabalhadores terceirizados são o público-alvo. Os organizadores esperam conseguir a adesão da comunidade acadêmica de todos os centros da UFRJ para identificar as particularidades de cada local.

Para atingir o objetivo de mapear a diversidade na UFRJ, o formulário foi desenvolvido em conjunto pela Comissão de Diversidade do IBCCF e a equipe da Sgaada. São 61 questões, e o tempo estimado para o preenchimento varia entre 10 e 15 minutos.

As perguntas foram divididas em blocos temáticos que buscam traçar o perfil do participante, medir o nível de satisfação com o apoio à diversidade no ambiente acadêmico, avaliar o papel de

grupos minoritários na academia e a satisfação com o ambiente de estudo ou trabalho.

O questionário aborda também questões de saúde mental e o impacto de problemas de saúde física na rotina de estudo e trabalho.

Os dados obtidos na pesquisa têm o direito de privacidade garantido pela Lei Geral de Proteção de Dados. Os resultados serão utilizados apenas para os fins propostos no estudo e tratados de forma anônima. Como forma de aumentar a segurança e evitar o vazamento de dados, o formulário está hospedado nos servidores da UFRJ.

As pró-reitorias ficaram responsáveis pela divulgação do link do formulário por e-mail para cada um dos segmentos da universidade. O questionário on-line está disponível em <https://formularios.tic.ufrj.br/index.php/294728>.



“É IMPORTANTE SABER SE COMPORTAR DIANTE DOS ALUNOS. O PROFESSOR PRECISA ACOMPANHAR ESSA LÓGICA NÃO BINÁRIA NO SEU COTIDIANO DE SALA DE AULA”

de Enfermagem Anna Nery.

A professora Veronica Damasceno, da Escola de Belas Artes, representou a AdUFRJ no evento de lançamento da Pesquisa e lembrou de um caso em que a falta de acessibilidade impactou seu trabalho. “Tive uma aluna com deficiência auditiva durante a pandemia e ela não teve acesso a um intérprete”, contou. “É importante ter apoio institucional e políticas para preparar a universidade para todos”.

Os temas foram desenvolvidos para averiguar o grau de acolhimento e integração na UFRJ. “Uma das questões que pode afetar a evasão é o não acolhimento, a falta de receptividade. A indiferença para as diferenças que se apresentam na sala de aula. E o mesmo ocorre com o corpo docente e o corpo técnico”, aponta o professor Alfred Sholl.

Os dados obtidos por meio do censo podem impulsionar o desenvolvimento das atividades acadêmicas. “É importante saber como você vai se comportar diante dos alunos. O professor precisa acompanhar essa lógica não binária no seu cotidiano de sala de aula”, defende a professora Cecília Izidoro, da Escola

de Belas Artes. Marli Rodrigues, coordenadora do Sintufrj, exaltou a pesquisa como uma oportunidade de conhecer profundamente quem estuda e trabalha na universidade. “Com o tamanho que a UFRJ tem, muitas vezes as pessoas não sabem umas das outras. É fundamental conhecer, saber onde estão essas pessoas que necessitam de uma atenção especial, entender

em que condições elas estão estudando ou trabalhando aqui”, disse.

A técnica-administrativa em Educação falou sobre as denúncias de assédio moral e preconceito que o sindicato recebe. “A demanda é muito grande. São questões de gênero, raça, idade”. Marli citou como exemplo os trabalhadores PCDs. “Muitas vezes precisamos se sacrificar para exercer sua função, porque não temos um projeto de acessibilidade que atenda às necessidades das pessoas nessa situação. Elas ficam desmotivadas e, por vezes, até pedem exoneração”, concluiu.

A estudante Bruna Reis, do 10º período do curso de Relações Internacionais, já respondeu à pesquisa após receber o e-mail pelo SIGA. Mulher negra, periférica, lésbica e praticante de religião de matriz africana, Bruna faz parte do Coletivo Negro Tereza de Benguela. A representante discente revelou casos de preconceito que já presenciou e de que foi vítima dentro da universidade. “Éramos apenas sete alunos negros em uma turma de 60 quando entrei no curso. Enfrentamos muitos casos de racismo, preconceito de classe e até cyberbullying. Denunciamos formalmente, procuramos a orientação acadêmica do instituto, procuramos o

CEG, fizemos até boletim de ocorrência, mas nunca tivemos um retorno”, lamentou.

Bruna tem esperança de que a Pesquisa da Diversidade possa ajudar a mudar mais a cara da UFRJ. “Não tive um professor negro no meu curso. A universidade ainda é muito elitizada, branca e masculina. Espero que os resultados sirvam para transformar a UFRJ e deixar ela com mais cara de povo”.

A auxiliar de limpeza Waldinéa Nascimento da Hora trabalha na universidade desde 2015 e é presidenta da Associação dos Trabalhadores Terceirizados da UFRJ. Ela enxerga a pesquisa como uma boa alternativa para melhorar as condições de trabalho dos terceirizados. “É fundamental não discriminar a profissão dos auxiliares de limpeza e tratá-los com o respeito e dignidade que merecem”, apontou.

Waldinéa destacou duas sugestões para promover um ambiente mais acolhedor para os trabalhadores. “Ouvir as demandas é muito importante. Criar espaços de descanso e de alimentação daria mais dignidade para as pessoas”.

IDEIA SURTIU NA BIOFÍSICA

A ideia da pesquisa nasceu no Instituto de Biofísica. Durante a pandemia da covid-19, um comitê organizado para cuidar da saúde mental de alunos, professores e técnicos apresentou questões relativas à diversidade. Em seguida, o comitê deu origem à Comissão de Diversidade do instituto.

Mas o grupo encontrava muitas perguntas sem respostas quando procurou informações sobre o corpo social. “Existem alguns dados esparsos, outros inconclusivos. Por exemplo: gênero é binário: feminino ou masculino. Muitas pessoas não se entendem nessas categorias”, disse a professora Ana Cristina Bahia, coordenadora da comissão. “Precisamos olhar como a nossa universidade se enxerga e não como a gente acha que ela deve ser enxergada”, concluiu.



PARA RESPONDER À PESQUISA: O questionário on-line está disponível em <https://formularios.tic.ufrj.br/index.php/294728>. **PARTICIPE!**

PESQUISA EM QUEDA

> Levantamento encomendado pela CAPES mostra queda significativa na produção de artigos científicos entre 2019 e 2023. Pandemia é apontada como uma das responsáveis pelo desempenho

KELVIN MELO
kelvin@adufjr.org.br

A notícia não é boa para a pesquisa nacional. Entre 2019 e 2023, a produção de artigos científicos do país experimentou uma montanha-russa com queda brusca. No primeiro ano, foram aproximadamente 90 mil publicações; em 2021, houve o pico de 100 mil e, ano passado, o patamar baixou para 80 mil.

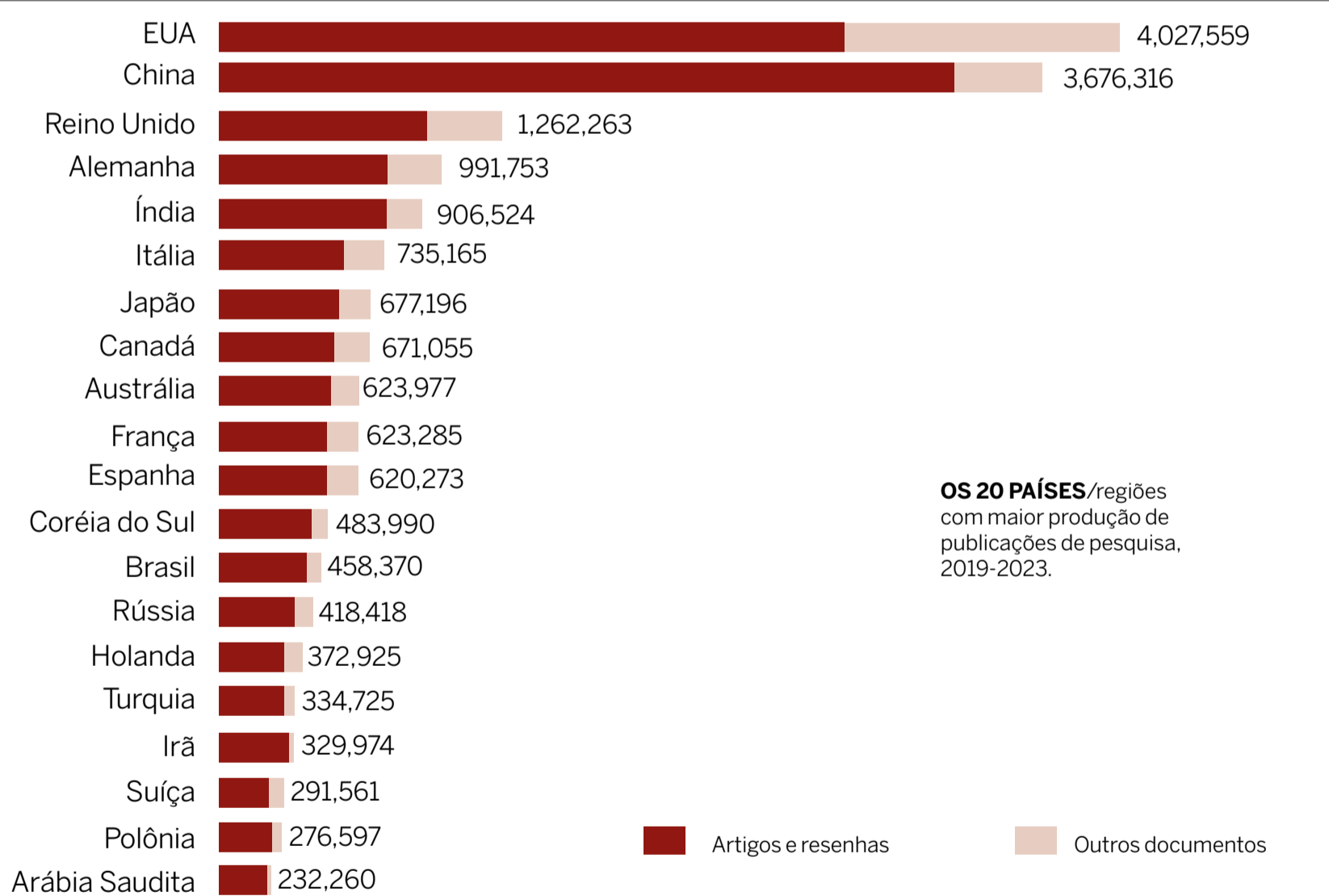
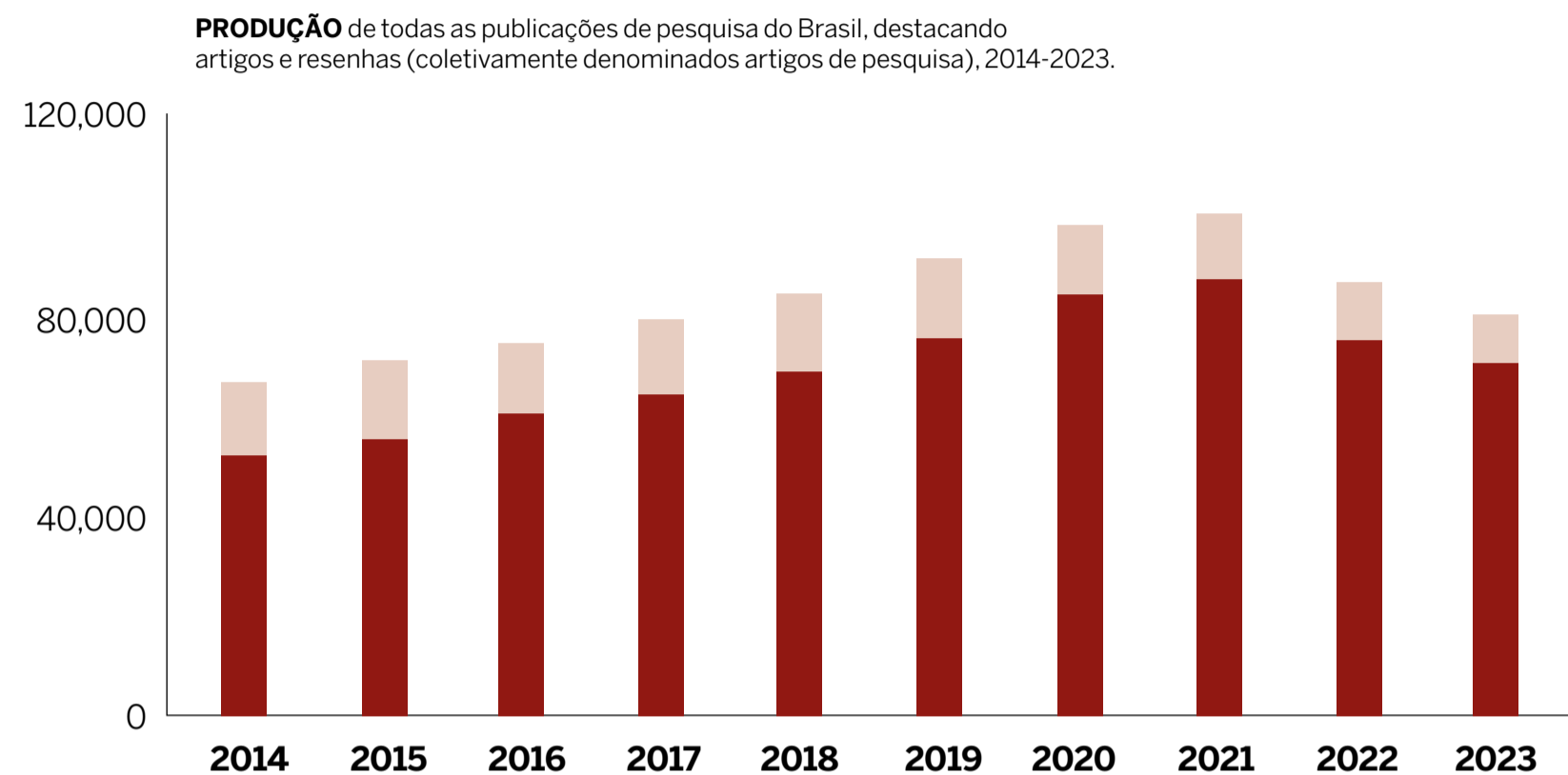
Somando a produção dos cinco anos do intervalo estudado (458.370 publicações), o Brasil manteve a mesma 13ª posição do ranking mundial da área, de 2019. Os EUA, com mais de 4 milhões de publicações, lideram a lista; seguido pela China (3,6 milhões) e pelo Reino Unido (1,2 milhão).

Os números constam do mais recente relatório sobre a Ciência brasileira elaborado pela editora norte-americana Clarivate e divulgado no último dia 15. A iniciativa é fruto de uma parceria com a Capes.

A pandemia é apontada como uma das principais responsáveis pelo declínio. De modo geral, a produção acadêmica mundial caiu. Mas o Brasil sofreu com uma variável extra, nos últimos anos: o subfinanciamento durante o governo Bolsonaro. “Tivemos um baixo financiamento para ciência, tecnologia e inovação de 2016 a 2022. As verbas do MCTI foram retiradas. O FNDCT (Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) foi contingenciado”, avalia a presidente da Capes e ex-reitora da UFRJ, professora Denise Pires de Carvalho.

“Estamos em um processo de reconstrução do país. O reajuste das bolsas de mestrado e doutorado ano passado foi fundamental para atrair mais alunos”, continua Denise. “Agora vamos aumentar o número das bolsas de pós-doutorado. Provavelmente, no próximo mês”. As bolsas para os pós-doutorandos caíram de 7.468 em 2015 para menos de 2 mil em 2024.

O pró-reitor de Pós-graduação e Pesquisa da UFRJ, professor João Torres, concorda que a ampliação dos investimentos em pesquisa é vital para a Ciência brasileira voltar a crescer. “A pandemia teve um papel importante. Várias pesquisas foram interrompidas. Mas o mais fundamental é a política de financiamento dos últimos seis anos. O FNDCT caiu a um quinto. O número de bolsas do CNPq diminuiu e vem diminuindo”, diz. Em especial, o docente teve



pela retomada das bolsas de pós-doc. “Os pós-doutorandos, no mundo todo, são um dos fatores mais importantes para a produção científica. Normalmente, são pessoas que trabalham em horário integral. São bem formados e precisam menos de orientação. Além disso, não têm obrigações gerenciais ou didáticas. Nós vemos com muita preocupação essa queda no número de bolsas de pós-doutorado”.

POUCO IMPACTO

O relatório da editora Clarivate trouxe outra notícia ruim para o Brasil: os artigos científicos publicados por pesquisadores brasileiros alcançam apenas 80% da média de cita-

“Estamos em processo de reconstrução. O reajuste das bolsas de mestrado e doutorado foi fundamental para atrair mais alunos. Agora vamos aumentar o número das bolsas de pós-doutorado.”

DENISE PIRES DE CARVALHO
Presidente da Capes

ções recebidas mundialmente em suas respectivas áreas. “Esse impacto de citação é menor do que o de outros países líderes da América Latina e do G7, e maior apenas do que o da Rússia entre os países do BRICS (bloco formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul)”, aponta um trecho do documento.

O documento utiliza como indicador o CNCI (Category Normalised Citation Index, da sigla em inglês). “O CNCI é um índice excelente para medir qualidade dos artigos produzidos, porque normaliza sua citação pela média da área”, afirma Claudia Pinto Figueiredo, neurocientista e professora da Faculdade de Farmácia da UFRJ. “Ter CNCI menor que outros líderes da

“A pandemia teve um papel importante. Várias pesquisas foram interrompidas. A redução mais grave é do pós-doutorado. Os pós-doutorandos, são um dos fatores mais importantes para a produção científica”.

JOÃO TORRES
Pró-Reitor de Pesquisa da UFRJ

América Latina e do BRICS mostra exatamente o problema mais importante que a ciência brasileira precisa trabalhar: aumentar a qualidade das suas produções”, completa.

Algo que, segundo Claudia, não será conseguido com a política de ampliação de publicações em acesso aberto. A Capes já anunciou que deve aumentar o número de acordos transformativos de “Read and Publish” — isto é, aqueles em que pesquisadores brasileiros poderão publicar artigos em determinados periódicos, no formato aberto e sem qualquer custo, após a devida aprovação do processo de revisão por pares.

Nos últimos cinco anos, o relatório da Clarivate mostra que a proporção da produção brasileira total de artigos disponíveis abertamente permaneceu consistente: entre 53% e 56%. “O Brasil publica muito mais em acesso aberto quando comparado com o restante do mundo e isso não tem contribuído para melhora do CNCI. Publicar em acesso aberto não garante visibilidade”, defende Claudia, que recentemente participou de estudo sobre acesso aberto publicado nos Anais da Academia Brasileira de Ciências.

“Veja que os campeões de

publicações em acesso aberto pelos brasileiros são revistas que não estão em Q1 (melhor qualidade). A única que aparece na lista como Q1 é a International Journal of Molecular Science, que possui política editorial duvidosa, índice de impacto inflado por práticas predatórias e que cobra taxas altíssimas de publicação”.

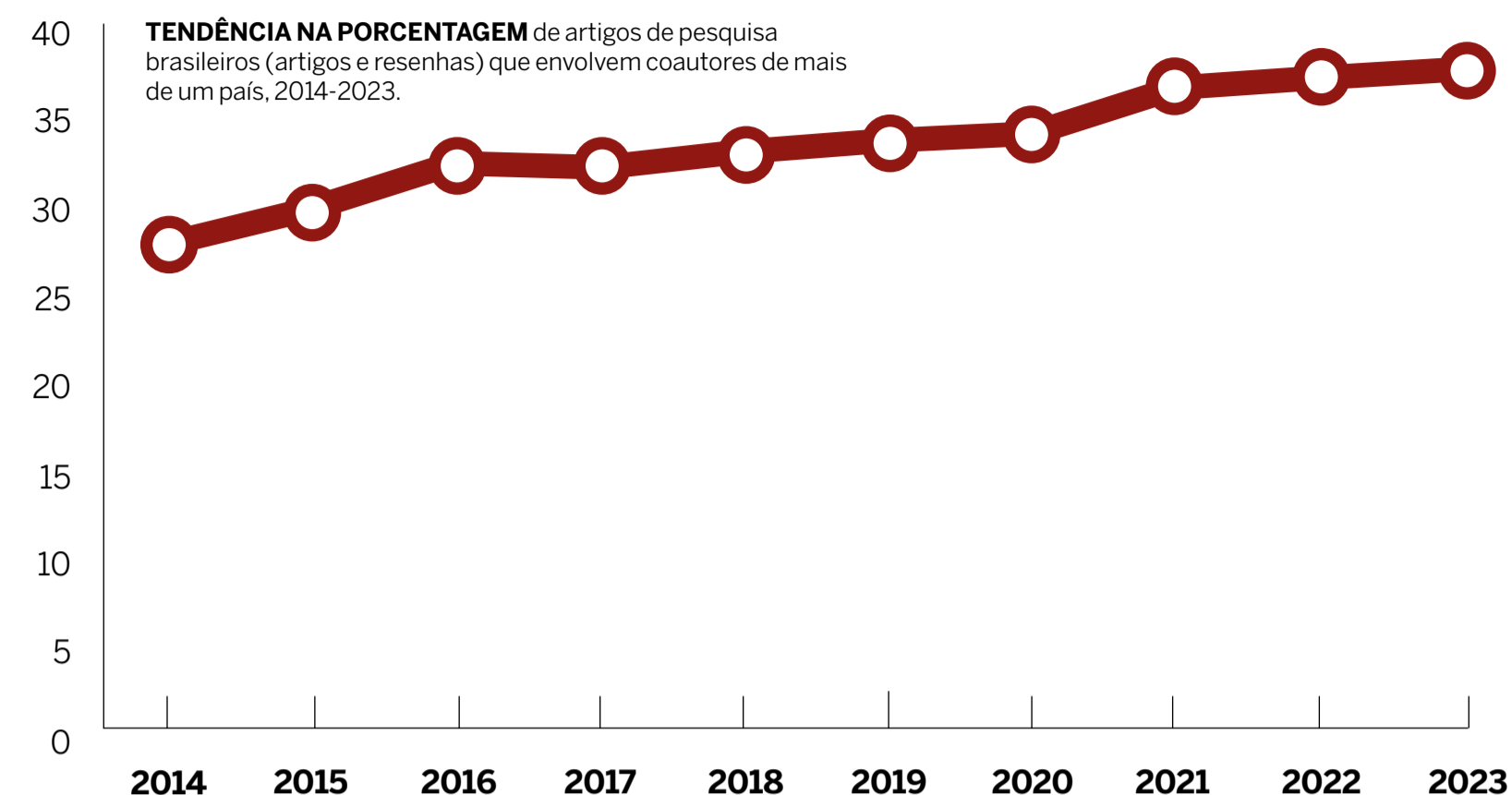
INTERNACIONALIZAÇÃO

A presidente da Capes observa que a citação de um artigo depende de várias questões, mas considera a internacionalização como peça-chave. “A gente precisa aumentar a internacionalização da ciência brasileira, com a vinda de mais estrangeiros, principalmente. Temos enviado muitos brasileiros para o exte-

rior para formação de pós-doutorado, doutorado-sanduíche. Mas a vinda de estrangeiros é importante para que eles conheçam a capacidade científica nacional”, argumenta Denise.

Nos últimos dez anos, ainda de acordo com o relatório da Clarivate, a porcentagem de artigos brasileiros envolvendo coautores internacionais au-

mentou de 28% em 2014 para 38% em 2023. O colaborador internacional mais frequente do Brasil em artigos de pesquisa são os Estados Unidos. Da produção brasileira, 12,8% é feita em coautoria com pesquisadores dos EUA, o que é mais que o dobro dos 5,7% com seu próximo parceiro mais comum, o Reino Unido.



UFRJ PODE MELHORAR

Ao longo das 44 páginas do relatório da Clarivate para a Capes, a UFRJ é citada duas vezes. Em nenhuma, de forma positiva. Na primeira delas, a universidade aparece em uma posição apenas intermediária (11ª) em uma listagem das 20 principais instituições brasileiras envolvidas em publicações de pesquisas sobre Inteligência Artificial, entre 2019 e 2023. USP e Unicamp lideram o ranking, nesta ordem.

Pró-reitor de Pós-graduação e Pesquisa, o professor João Torres concorda que o tema precisa ser mais trabalhado na maior federal do país. “O professor Edmundo Souza e Silva, do Programa de Engenharia de Sistemas e Computação da Coppe, vai assessorar a reitoria neste assunto”, anunciou. E já nesta semana, o Festival do Conhecimento da UFRJ terá a IA como mote. “Toda discussão é

“Normalmente, existe uma relação entre produção e impacto. Quanto maior a produção, maior o impacto. Uma coisa chama a outra.”

PROFESSORA JACQUELINE LETA
Coordenadora geral do Escritório de Gestão de Indicadores de Desempenho da UFRJ

bem-vinda”, completou.

Na parte final do documento, a UFRJ aparece como a instituição que “tem a maior porcentagem de artigos não citados (23,1%) e seu

perfil é notavelmente deslocado para as faixas de menor impacto de citação do que as outras instituições analisadas”.

Coordenadora geral do Escritório de Gestão de Indicadores de Desempenho da universidade, a professora Jacqueline Leta afirma que vários fatores podem ter contribuído para esta situação: “Normalmente, existe uma relação entre produção e impacto. Quanto maior a produção, maior o impacto. Uma coisa chama a outra. Quanto maior a produção científica em colaboração internacional, você tem impacto maior. Há áreas que colaboram mais; outras, menos. Algumas revistas podem ter saído de circulação. Não dá para olhar o número sem uma análise mais detalhada”. O escritório prepara um estudo sobre o tema, que deve ficar pronto no próximo mês.

AS 20 PRINCIPAIS INSTITUIÇÕES envolvidas em publicações de pesquisas sobre IA no Brasil, 2019-2023

Instituições	Total de publicações
Universidade de São Paulo	770
Universidade Estadual de Campinas	452
Universidade Federal de Pernambuco	403
Universidade Federal de Minas Gerais	343
Universidade Tecnológica Federal do Paraná	274
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	261
Universidade Estadual Paulista	238
Universidade Federal do Paraná	218
Universidade Federal de São Carlos	206
Universidade Federal do Ceará	193
Universidade Federal do Rio de Janeiro	191
Universidade Federal de Santa Catarina	180
Universidade Federal do Rio Grande do Norte	171
Pontifícia Universidade Católica do Paraná	163
Universidade de Brasília	152
Universidade Federal Fluminense	149
Universidade Federal do Espírito Santo	132
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	130
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)	124
Universidade Federal de Uberlândia	122

NOTA

FESTIVAL DO CONHECIMENTO DA UFRJ DISCUTE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Começou nesta terça-feira (27) e segue até 30 de agosto o Festival do Conhecimento da UFRJ. Este ano, o tema é Inteligência Artificial para o Sul Global. “Devemos estar atentos aos usos e aos abusos da inteligência artificial”, disse o reitor Roberto Medronho, na abertura do evento. O professor anunciou a criação de um grupo de trabalho sobre o assunto, com especialistas de várias áreas, para assessorar a administração superior. “Precisamos ter a nossa expertise”, completou. A programação é extensa, com

atividades presenciais e remotas. “Escolhemos este tema porque se trata de uma caixa preta para a sociedade”, disse a pró-reitora de Extensão, professora Ivana Bentes. “Nós ainda não entendemos todos os seus impactos”, observou. “Talvez pela primeira vez na história, uma tecnologia nasceu com o manifesto de uma quantidade representativa de cientistas do mundo pedindo para desacelerar o seu desenvolvimento”. Apesar das preocupações com a IA, a primeira parte do Festival foi encerrada com uma divertida

interação entre a vice-reitora Cassia Turci e o robô humanoide 14-bis. A máquina foi construída pelo aluno Joel Ramos, do Programa de Pós-graduação em Informática. O robô respondeu a perguntas simples da docente e agradeceu os elogios recebidos. Ainda durante a manhã, as entidades representativas da universidade saudaram a realização do festival. A presidente da AdUFRJ, professora Mayra Goulart, solicitou mais investimentos públicos para a universidade ter acesso às melhores versões de IA e para a qualificação do corpo docente. “A AdUFRJ está à disposição para ajudar neste processo”, finalizou. (Kelvin Melo)



INTERAÇÃO da vice-reitora Cássia com o robô 14-bis, de Joel Ramos

Há exatamente 70 anos, eu era um menino de 11 anos, cursando o segundo semestre do primeiro ano do ginásio no Colégio Londrina, Paraná).

Assistíamos à aula do professor de História, quando recebemos a notícia do suicídio do Presidente Getúlio Vargas. Todas as atividades didáticas foram suspensas e tínhamos que esperar sentados em nossas carteiras até o final das aulas por volta das 12h00.

Para aproveitar o tempo parado, resolvi escrever algo sobre Getúlio Vargas: “Fiquei satisfeito com a sua morte”.

Antes de comentar o que escrevi e a reação do professor de História, faço um pequeno comentário.

A minha casa era frequentada por amigos dos meus pais, dos quais alguns eram políticos da UDN, em Londrina. Essa sigla dava cobertura para candidatos de esquerda:

O Partido Comunista era proibido. Esse grupo de amigos criticava muito o Getúlio no período em que foi um ditador no Estado Novo (1937 a 1945), quando as perseguições, prisões e torturas eram

comuns, além de sua aproximação com os regimes ditatoriais da Itália e da Alemanha. Vargas entregou para o governo nazista da Alemanha a esposa do líder comunista Luiz Carlos Prestes, Olga Benário, grávida de 7 meses, que morreu num campo de concentração em 1942.

Descrevi, se não me falha a memória, a minha alegria com a morte do Getúlio Vargas, por todo o mal que havia feito ao meu Brasil.

Um dos meus colegas passou meu bilhete para o professor. Ele o leu sentado, rasgou-o, esperou um pouco, levantou-se e num discurso de grande violência, com um olhar me fulminando, disse: “Haverá um dia em que a pena de morte no Brasil será até para as crianças”. Fiquei preocupado.

Retornando para a casa, encontrei-me com Sr. Manoel, que era o carteiro do bairro. Disse-lhe: “O Gegê morreu. Que bom!”. Ele me segurou pelo braço e, num tom violento, disse-me: “Fica quieto, menino. Caso contrário, serás linchado!”.

Até hoje não mudei meu pensamento sobre o Getúlio Vargas. Alguns amigos me criticam: ele era um nacionalista e não temia os norte-americanos.

Hitler também...

Rio de Janeiro, 24 de agosto de 2024

FERNANDO SOUZA



NELSON MACULAN
Professor Emérito da
Universidade
Federal do Rio de
Janeiro